



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES (ICHCA)
CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO TÉCNICO
(de Trabalho de Conclusão de Curso)

ALAGOAS POR TRÁS DAS CÂMERAS: UM PANORAMA DO CINEMA
ALAGOANO, EM MACEIÓ

ORIENTADORA: Prof^ª Dr^a Laís Barros Falcão de Almeida
ALUNA: Maria Clara de Oliveira Macedo

Maceió/AL, 21 de novembro de 2024

MARIA CLARA DE OLIVEIRA MACEDO

**ALAGOAS POR TRÁS DAS CÂMERAS: UM PANORAMA DO CINEMA
ALAGOANO, EM MACEIÓ**

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso
(modalidade projeto experimental) apresentado como
requisito parcial para obtenção do grau de bacharel/a em
Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Laís Barros Falcão de Almeida

Maceió/AL, 21 de novembro de 2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4/661

M141a Macedo, Maria Clara de Oliveira.

Alagoas por trás das câmeras : um panorama do cinema alagoano, em
Maceió / Maria Clara de Oliveira Macedo. – 2024.
33 f .

Orientadora: Laís Barros Falcão de Almeida.

Relatório Técnico (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação
e Artes. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 13.

Apêndices: f. 14-33.

1. .Cinema. 2. Videoreportagem. 3. Telejornalismo. I. Título

CDU: 070

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR (A): MARIA CLARA DE OLIVEIRA MACEDO

Alagoas Por Trás Das Câmeras: Um Panorama Do Cinema Alagoano, Em Maceió

Relatório Técnico submetido ao corpo docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 28 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Laís Barros Falcão de Almeida

Profª Drª Marcos Carvalho Macedo

Profª Drª Raquel do Monte Silva

SUMÁRIO

1. Descrição do Produto.....	5
2. Objetivos.....	6
3. Pesquisas realizadas.....	7
4. Processo de produção.....	9
5. Resultados.....	12
Referências.....	13
Anexos/Apêndices.....	14

1. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

“Alagoas Por Trás Das Câmeras: Um Panorama Do Cinema Alagoano, Em Maceió” é uma série de videorreportagens que discorre por quatro episódios como o cinema alagoano se estabelece no estado na contemporaneidade, mostrando suas diferentes manifestações como ferramenta de comunicação social, capaz de influenciar o comportamento de uma comunidade, através da criação de um pensamento crítico. O Produto apresenta junto a profissionais e contribuintes de relevância na cena do audiovisual Alagoano das últimas décadas, os aspectos gerais de como o setor funciona, suas principais necessidades, faltas e alternativas encontradas por eles para seu crescimento, fazendo um recorte da capital, Maceió.

A primeira videorreportagem da série aborda o poder do audiovisual na criação de uma identidade cultural e, nesse sentido, como ele se manifesta e impacta a comunidade alagoana. O episódio aprofunda a discussão buscando entender quais os impactos positivos de uma comunidade se ver representada por meio do cinema e os negativos de quando não é, ou a representação não é fiel. Por meio de entrevistas, ele vai contextualizar a importância e vantagens de se investir no cinema em Alagoas.

A segunda reportagem vai avançar mais nesse investimento, buscando prontamente entender como funcionam as políticas públicas de incentivo financeiro à produção audiovisual para o estado, ilustrando a necessidade dessas políticas e apresentando quem administra esses recursos. Além disso, também através de entrevista, busca compreender junto aos profissionais as principais faltas dessas políticas e duas necessidades dentro do setor para além da produção.

O terceiro episódio da série busca compreender o cinema como uma área de conhecimento, capaz de se relacionar com diversas outras áreas dos saberes e assim entender a importância de um curso de formação oficial e o impacto dessa existência para o desenvolvimento do setor. Ao mesmo tempo, ele traz as iniciativas que existem como alternativa para essa falta.

Por fim, a quarta e última videorreportagem finaliza a série apresentando o processo de exibição e fomento ao consumo das obras alagoanas, através de um panorama sobre o funcionamento e o papel do cinema de arte, cineclubes, mostras e festivais de cinema na cidade. Ela compreende a distância da população maceioense do acesso ao cinema e consequentemente ao seu poder de pensamento crítico e transformação social.

2. OBJETIVOS

Geral

- Informar o público por meio de uma abordagem acessível e didática, como uma série de videorreportagens proporciona, sobre o funcionamento do cinema alagoano em Maceió, explorando diversas etapas envolvidas na produção, distribuição, exibição e apreciação cinematográfica.

Específicos

- Destacar a funcionalidade do cinema como ferramenta de incentivo ao pensamento crítico e de transformação social;
- Evidenciar a importância da representatividade e da diversidade alagoana no cinema;
- Pontuar através de entrevistas as principais carências que o setor do audiovisual tem em Maceió;
- Pontuar as políticas de incentivo financeiro para a produção audiovisual alagoano em Maceió e explicar como elas funcionam;
- Examinar os impactos de não existir um curso de formação técnica ou acadêmica oficial para os alagoanos e apontar os impactos que a existência de um dos dois significaria para o setor;
- Expor organizações e grupos que supram essa carência e ajudem no processo de formação de novos profissionais;
- Discutir os motivos da distância que a população maceioense tem do acesso ao cinema alagoano;
- Apresentar iniciativas que contribuam para a distribuição e acesso da população ao cinema alagoano em Maceió, como cineclubes, mostras e cinema de arte;
- Entender quais políticas públicas podem ser apresentadas como solução para as carências na distribuição dos filmes alagoanos.

3. PESQUISAS REALIZADAS

A escolha do formato de uma série de videorreportagens para o projeto se deu pela percepção do pouco espaço que as discussões voltadas ao cinema alagoano têm nas mídias tradicionais do estado. Essa dificuldade não é percebida apenas em Alagoas, mas em todo o país, como indica o manifesto escrito por pesquisadores de diferentes universidades durante o Seminário Internacional Análise do Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos, realizado entre os dias 23 e 26 de agosto de 2011 pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia e publicado no livro de mesmo título, no ano seguinte. De acordo com essa publicação, “Pesquisadores de televisão e telejornalismo se depararam com um desafio recorrente: a ausência de fontes de consulta acerca do audiovisual brasileiro, especialmente televisual, o que vem dificultando constantemente seu trabalho e a produção de conhecimento na área” (GOMES, 2012, p. 21).

Essa distância restringe as reflexões que envolvem o tema a um grupo social específico e afasta a população alagoana e maceioense geral da compreensão dos impactos positivos que o cinema pode proporcionar a uma sociedade. A linguagem do telejornalismo e sua configuração como um meio de comunicação em massa permite um acesso mais didático e democrático ao público geral sobre o assunto. “Os rastros de sentido que o jornalista deixa no texto e na sua consequente relação com a imagem, para contribuir com a produção de um conhecimento acessível ao telespectador” (VIZEU; SILVA, 2016, p. 8), enfatizam os pesquisadores da área.

Pensando nisso, o produto “Alagoas Por Trás Das Câmeras: Um Panorama Do Cinema Alagoano, Em Maceió” busca atender uma abordagem didática, informando o telespectador sobre o funcionamento que envolve os processos de se fazer cinema em Alagoas na contemporaneidade, através de entrevistas junto a estudiosos e profissionais ligados ao setor. Para isso, as entrevistas foram construídas utilizando de um dos princípios apontado por Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo Lima, na obra “Manual de Telejornalismo”, onde eles explicam que “O entrevistador deve, na maior parte do tempo, colocar-se no lugar do telespectador e perguntar aquilo que considera mais importante sobre o assunto pautado” (BARBEIRO; LIMA, 2005, p.84).

Um outro princípio que foi adotado na construção das videorreportagens, foi o entendimento sobre a relação entre imagem e texto, em que os autores explicam que imagem também passa informação e deve estar sempre atrelado ao texto, tendo em vista que “O repórter deve desenvolver a compreensão da imagem. A regra é: imagem e palavras andam

juntas” (BARBEIRO; LIMA, 2005, p.68). Por isso, o produto sempre apresenta uma série de imagens que complementam ou ilustram o que está sendo dito pela repórter ou pelo entrevistado.

Ainda no entendimento do uso de artifícios visuais, foi incorporada pelas videorreportagens, a orientação do uso de gráficos e mapas para facilitar o entendimento do telespectador. “Sempre que for necessário o editor deve lançar mão de recursos infográficos como mapas, estatísticas, quadros, recursos de computação gráfica etc.” (BARBEIRO; LIMA, 2005, p.103).

Já a escolha do tema para o produto se deu a partir do entendimento do cinema como um meio de comunicação capaz de influenciar e impulsionar o pensamento crítico dos telespectadores e servir como ferramenta de transformação social.

No caso do cinema, nos interessa o sujeito espectral, aquele que é o espectador de cinema. Este vivencia a impressão de realidade cinematográfica através de processos de identificação que mobilizam este sujeito e, ao mesmo tempo, o mobiliza pelo fato das imagens cinematográficas o interpelam em níveis profundos de sua psique, mobilizando seus sonhos e desejos para, depois da experiência cinematográfica, voltar a lidar com a realidade exterior. (PARGA, 2008, p.29).

A partir disso, o projeto vai pontuar as faltas do setor público a nível estadual para o setor audiovisual e que dificulta sua propulsão. Como é o caso da ausência de um curso de formação que entenda o cinema como uma área do conhecimento, como defende Larissa Lisboa, no texto “Panorama do incentivo público à produção audiovisual em Alagoas” (2019). Outra questão é a dificuldade de acesso de diferentes camadas sociais ao cinema, e assim, sua plena função social. Assim como Vilela (2016), o projeto atribui essa distância à ausência de espaços de exibição de filmes.

Por fim, através dessa percepção, o projeto entende a necessidade de traçar a realidade do cenário do audiovisual alagoano, na capital, como espelho para o resto do estado, para compreender seu verdadeiro poder de impacto. Para isso, vai destacar as necessidades do setor e indicar seu potencial de desenvolvimento principalmente a partir do seguinte entendimento:

As aplicações no cinema do Nordeste possibilitaram o desenvolvimento de nossas obras e a solidificação do setor como uma importante frente cultural dos respectivos estados que formam a região. Temos hoje grandes centros de produção cinematográfica, e isso reflete em vertentes como a economia e a educação. (SILVA, 2019, p.130).

4. PROCESSO DE PRODUÇÃO

O desenvolvimento do projeto para as videorreportagens começou ainda no final do último período de 2023, como parte da disciplina “Desenvolvimento Orientado de Projetos”, ministrada pela Profa. Dra. Raquel do Monte, onde foi desenvolvido o pré-projeto. Nesse estágio inicial foram realizadas as primeiras pesquisas sobre o tema, utilizando o material de outros pesquisadores de cinema e de cinema alagoano, assim como sites e artigos locais. Nesse estágio também foram definidos os principais objetivos para o projeto, assim como a escolha das principais fontes, envolvidas na cena cultural alagoana contemporânea.

Em dezembro do mesmo ano, antes mesmo da construção das pautas, acontecia a 14ª edição da Mostra Sururu, a maior mostra de filmes alagoanos da cidade, onde participei de rodas de conversa com profissionais do setor audiovisual, que ajudaram mais no entendimento do tema e na escolha das principais fontes. Foi durante a mostra também que foram colhidas as primeiras imagens para composição dos VTs.

Após esse primeiro processo, foi dado início a produção das pautas de cada episódio, com a orientação inicial do Prof. Dr. Marcos Macedo. A distribuição dos temas entre os VTs foi pensada de modo a tecer uma coesão para a série: VT1 Identidade e Cinema; VT2 Políticas de Incentivo; VT3 Formação em Cinema; VT4 Distribuição e Impacto. Também foi decidido o papel de cada entrevistado para a construção de cada tema, já selecionando as principais perguntas que precisariam ser respondidas por eles.

As marcações das entrevistas foram feitas via WhatsApp e ligação, de acordo com a disponibilidade e o tempo de resposta dos entrevistados. Os locais das gravações dessas entrevistas foram escolhidos de forma a trazer sentido aos temas conversados e de acordo com a possibilidade de descolamento de cada entrevistado. As primeiras entrevistas foram feitas em uma das aulas do Ateliê Sesc de Cinema, que compunha o terceiro episódio da série. Nesse dia foram entrevistados o analista audiovisual responsável pelo ateliê, uma monitora do Ateliê e uma aluna. Também foram feitas imagens de apoio para o episódio.

A captação das imagens de apoio, assim como de todas as entrevistas, foram feitas com uma câmera DSLR, para as cenas mais claras, e as cenas mais escuras, como dentro da sala de cinema, foram feitas com o uso do celular. Também foi utilizado um tripé para captação de algumas dessas imagens, de todas as entrevistas e das passagens, além de uma lapela sem fio e ocasionalmente o uso de um *led* para iluminação artificial.

O segundo entrevistado foi o produtor audiovisual Pedro Krull, que aparece no segundo episódio e ajudou a entender as necessidades dos profissionais da área. As sonoras

dele ajudaram também a repensar as ordens dos episódios. Originalmente o episódio dele seria o terceiro, mas por conta das observações que ele faz sobre a carência que o estado tem na formação e na distribuição dos filmes, fazia sentido ele vir antes dos episódios que tratam desses temas.

A terceira entrevistada foi a fotógrafa Vitória Alencar, que contribuiu para o desenvolvimento do primeiro VT. O quarto entrevistado foi o Ulisses Arthur, personagem do terceiro episódio, sobre formação. Ele ajudou na adaptação de perguntas para o quarto entrevistado, que foi o Sérgio Onofre, além de indicar a Beatriz Vilela como fonte para o primeiro e último episódio. A quinta marcação foi com o Marcos Sampaio, administrador do Arte Pajuçara, onde foi gravada, junto a mais imagens de apoio do local.

A sexta pessoa a ser entrevistada foi Renah Birindelli, da Mostra Sururu, seguida da cineasta Beatriz Vilela. A sétima entrevista aconteceu no bairro da Levada, onde se passa o filme dirigido pela entrevistada Isadora Padilha. No local também foram registradas imagens de apoio e uma das passagens do primeiro episódio. Por último, foram entrevistados um representante da Secult e as entrevistas do povo fala, no centro, para o último episódio.

De acordo com a finalização das entrevistas de cada episódio, dei início ao processo de montagem do roteiro, fazendo os primeiros cortes das sonoras dos personagens e escrevendo o texto dos *offs* e das passagens, de forma que trouxesse coesão e sentido para a videorreportagem, sempre marcando o tempo estimado para cada um deles. Nessa fase do projeto passei a receber orientação da Profa. Dra. Laís Falcão. Após nosso segundo encontro e revisão dos roteiros e das sonoras, comecei o processo de gravação dos *offs* e das passagens.

As passagens foram gravadas em diferentes locais, que conversassem com o tema abordado em cada episódio e de forma diversificada - algumas paradas, outras em movimento, e uma com interação de gráfico, como é o caso da passagem do primeiro episódio - buscando sempre interação com o ambiente. Elas foram pensadas para ligar assuntos diferentes dentro do próprio VT e entre VTs, como chamada no final de três dos episódios, para o episódio subsequente. Essas chamadas foram feitas pensando em ligar os temas dos VTs, garantindo uma narrativa coesa, e apresentar o assunto do próximo VT aos telespectadores, mantendo o interesse do público.

Por fim, iniciei o processo de edição, feita no aplicativo CapCut versão para desktop. Para cobrir os *offs* e partes da sonora, usei as imagens de apoio que foram colhidas durante as entrevistas, e avulsamente, e arquivos com trechos de filmes que conversassem com o que estava sendo dito. Ainda buscando a melhor interação entre texto e artifícios visuais, foi implementado um gráfico na passagem do primeiro VT, assim como duas artes de mapas no

segundo VT, feitos através da ferramenta online de design gráfico Canva. As legendas das artes foram adicionadas no próprio CapCut, utilizando uma fonte padronizada, a mesma utilizada para os créditos dos entrevistados e da repórter.

Ainda na pós-produção, busquei corrigir algumas interferências da captação de áudio, como redução de ruídos e normalizar o volume. Junto a isso, foi adicionada a descrição desses áudios em cada VT, para deixar as videorreportagens mais acessíveis ao público. Nessa fase, a trilha sonora foi adicionada no final dos episódios, para reforçar a emoção e atmosfera do conteúdo apresentado e ajudar a marcar a conclusão do episódio, proporcionando um fechamento impactante. Concluindo a pós produção, as videorreportagens foram compartilhadas com a orientadora à medida que foram finalizadas e a última etapa foi a produção e conclusão deste relatório.

5. RESULTADOS

O processo para produção desse projeto foi extremamente agregador para o entendimento completo das técnicas que gerem o telejornalismo e a videoreportagem, e serviu como síntese prática dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da graduação, como a apuração e a construção de narrativas. Apesar disso, durante o desenvolvimento do projeto surgiram alguns desafios.

O primeiro dos desafios se apresentou ainda nas atribuições da produção, no processo de marcação das entrevistas, envolvendo a disponibilidade dos entrevistados. Algumas fontes inicialmente planejadas precisaram ser substituídas devido a incompatibilidade de agenda ou a falta de retorno, o que demandou a capacidade de adaptação na busca por essas novas fontes. Um exemplo disso foi uma situação com a Secretaria Municipal de Cultura (Semce), que, apesar das tentativas de contato, não respondeu às solicitações de entrevista, o que precisou ser explicado na videoreportagem, como forma de garantir transparência e reforçar o compromisso ético com o público.

Outro desafio foi o manuseio técnico na captação de imagens e áudio, especialmente pelo uso de um equipamento amador. Trabalhar com esses recursos limitados exigiu maior criatividade e atenção redobrada para garantir a qualidade do material, principalmente ao lidar com condições adversas, como iluminação inadequada e ruídos externos. Foi necessário ajustar enquadramentos e configurar equipamentos manualmente, na maioria das vezes sozinha, como exige a videoreportagem. Essa situação evidenciou a necessidade e importância de uma preparação técnica e a habilidade de resolver problemas em tempo real.

Garantir a objetividade nos episódios também se mostrou desafiador, especialmente na condução das entrevistas e, posteriormente, na montagem. Durante as entrevistas, foi necessário evitar interferências que pudessem distrair as fontes, ao mesmo tempo que buscava extrair informações relevantes. Já a edição exigiu decisões criteriosas sobre quais trechos selecionar, respeitando o contexto original.

Apesar de todas as dificuldades, assumir as funções que regem a videoreportagem trouxe aprendizados valiosos e foi uma experiência fundamental para consolidar aprendizados no jornalismo. Essa área tem a capacidade de dialogar e atingir diferentes públicos e essa característica foi essencial para tornar o tema do projeto mais acessível e relevante. Assim, acredito que a série não só evidenciou o potencial do cinema produzido em Alagoas, mas também contribuiu para dar continuidade ao debate sobre sua relevância e fortalecimento.

REFERÊNCIAS

PARGA, Eduardo Antonio Lucas. **A imagem da nação: cinema e identidade cultural no Brasil (1960-1990)**. 2008. 328 f. Tese (Doutorado em História Política) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

VILELA, Beatriz Souza. **Sobre as Transformações das Sociabilidades nos Cinemas de Rua: Alguns Aspectos do Negócio das Salas de Exibição em Maceió**. Maceió: UFAL, 2016.

LISBOA, Larissa. **Panorama do incentivo público à produção audiovisual em Alagoas**. Alagoas, 2019. Disponível em: <https://alagoas.com.br/panorama-do-incentivo-publico-a-producao-audiovisual-em-alagoas/>. Acesso em: 9 nov. 2024.

SILVA, Maysa Santos. **Mulheres no Cinema De Alagoas: Mostra Sururu de Cinema Alagoano (2009 - 2018)**. Sergipe: UFS, 2019.

VIZEU, Alfredo Pereira; DA SILVA, Laerte José Cerqueira (2016). **65 anos de televisão: o conhecimento do telejornalismo e a função pedagógica**. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, 23(3). Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495553928003>. Acesso em: 9 nov. 2024.

GOMES, Itania Maria Mota. **Análise do Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos**. Salvador: Edufba, 2012.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia da TV**. 1. ed. São Paulo: Campus, 2005.

APÊNDICE

Pautas:

Pauta: VT1 Identidade e Cinema

Equipe: Clara Macedo

Objetivo: A ideia principal desse VT é destacar o poder do cinema na transformação social. Para isso, ele começa questionando o poder do espectador; o que um filme causa a quem o assiste? Como isso influencia no comportamento social, através da criação de um pensamento crítico? Logo depois o vt vai aprofundar a discussão, entendendo porque é importante para uma comunidade se ver representada na tela (pensando na criação de uma identidade cultural alagoana). Quais os impactos de um estado não se ver na tela e ser apenas representado por alguém de fora? Por fim, o VT destaca a importância de investir no cinema alagoano, principalmente na capital.

Orientações e Imagens:

- 1) Vamos começar esse episódio falando com Beatriz Vilela, cineasta e cientista social. vamos saber dela:
 - Como os espectadores são atingidos por um filme?
 - Como um filme influencia no comportamento social? (cultura de mídia)
 - Porque é importante uma comunidade se sentir representada numa tela de cinema?
 - Como Alagoas se vê representada no cinema?
 - O que precisa ser feito para ?

Sugestão de imagens: Dentro de salas de cinema; plano detalhe no rosto das pessoas assistindo; pessoas debatendo fora das salas de cinema (pegar imagem de uma sessão de debates de algum cineclube por exemplo); imagens da tela; na última pergunta ele provavelmente vai falar sobre políticas públicas, então é legal pegar imagens da fachada da secult e da prefeitura.

- 2) Depois, vamos conversar com uma representante do coletivo de cinema feminino, Punho Coletivo, projeto que visa apoiar e promover diálogos a partir de filmes dirigidos por mulheres, com ênfase na produção alagoana. A ideia é ilustrar a criação

de um pensamento crítico como impulsionador para mudanças sociais, puxando o gancho da importância da diversidade na produção para a representação de uma classe. Quem vai falar é a vitória alencar. vamos saber:

- Qual o trabalho do punho coletivo?
- A mulher é bem representada no cinema? O que significa ter uma personagem feminina criada por um homem? É a mesma coisa que ter sido criada por uma mulher?
- O que influencia na sociedade uma mulher ser bem representada?

Sugestão de imagens: encontros do coletivo; debates; trechos de filmes dirigidos por mulheres alagoanas

- 3) Depois disso, vamos conversar com uma das diretoras do filme "Corpo D'água", que conta a história do bairro da Levada, em Maceió, a partir da relação dos moradores com a Lagoa Mundaú. Quem fala é a Isadora Padilha. Vamos saber dela o processo de produção do filme em relação a preocupação com a representação do bairro, vamos saber um pouquinho mais também sobre a recepção do filme junto aos moradores da Levada. A ideia aqui é repercutir ainda mais esse sentimento identitário no âmbito local.
- Qual foi a principal preocupação da produção do filme ao retratar a população e as atividades da levada? Como foi esse processo?
 - Como foi a recepção do filme com os moradores e pessoas que não eram do bairro?

Sugestão de imagens: pegar trechos do filme; imagens das ruas do bairro e do seu encontro com a Lagoa Mundaú; dos moradores;

Fontes:

- 1) Beatriz Vilela, cineasta cientista Social
- 2) Vitória Alencar, fotógrafa
- 3) Isadora Padilha, diretora do filme Corpo D'água

Pauta: VT2 Formação em Cinema

Equipe: Clara Macedo

Objetivo: Esse episódio vai destacar a importância da opção de uma formação de audiovisual no estado. Alagoas não tem curso contínuo ativo, seja superior ou técnico, na área do audiovisual, o que faz os interessados saírem do estado, ou basear sua profissão em paliativos. No que isso pode impactar na criação de uma identidade cultural alagoana, e na qualidade do material produzido e apresentado no estado? Pensando nisso, o VT vai tentar responder esses questionamentos e apresentar quais são esses paliativos para o ensino do audiovisual em Alagoas, focando na capital.

Orientações e Imagens:

- 1) Vamos começar esse episódio conversando com o Ulisses Arthur, que precisou sair de Alagoas para fazer mestrado em audiovisual na Bahia. Ele voltou para o estado, onde hoje atua e já tem algumas produções como cineasta. Vamos saber da história dele, para ilustrar a ausência de oportunidade de estudo superior e técnico aqui.
 - Como foi para você a decisão de sair de Alagoas em busca de se especializar nos estudos do cinema?
 - E como foi a decisão de ter voltado?

Sugestão de imagens: vamos pedir fotos e vídeos dela durante o mestrado que a mostra em outro lugar, vamos pegar trechos de obras alagoanas que ela tenha participado também.

- 2) Depois disso, vamos conversar com o professor e coordenador cultural da Ufal, Sérgio Onofre
 - Quais os impactos de não haver um curso contínuo de audiovisual para o presente e futuro do setor em todo estado, principalmente na capital?
 - O que pode ser feito para melhorar esse panorama.
 - Existe alguma perda para Alagoas em não ter um curso de cinema? Seja técnico ou graduação?
- 3) Damos continuidade apresentando um exemplo de curso intermitente para ilustrar as opções paliativas de ensino audiovisual em Alagoas. Para isso, vamos conversar com o Ronald Silva, responsável pelo Ateliê de Cinema do Sesc.

- Como funciona o projeto? Quantas turmas / profissionais já formou?
- Qual o impacto que esse projeto tem no processo de educação e profissionalização de pessoas dentro do cinema em Alagoas.
- Qual a diferença de ter professores alagoanos?
- É o suficiente?

Sugestão de imagens: aqui vamos até a ETA, onde está acontecendo o ateliê para pegar o maior número de imagens possível. Acompanhar uma aula; mostrar alunos gravando; mostrar professores dando aula; trabalhos anteriores do Ateliê...

- 4) Vamos aproveitar para falar com um novo aluno, que está passando pelo Ateliê pela primeira vez e saber suas expectativas de profissionalização.

Sugestão de imagens: gravar o máximo do aluno assistindo a aula; plano detalhe no rosto durante a aula; plano aberto das atividades práticas.

Fontes:

- 1) Ulisses Arthur, realizador audiovisual
- 2) Sergio Onofre, coordenador cultural da Ufal
- 3) Ronald Silva, analista do Ateliê Sesc de Cinema
- 4) Aluna entrevistada Ateliê Sesc (conseguir em campo)

Pauta: VT3 Políticas de Incentivo

Equipe: Clara Macedo

Objetivo: Esse episódio vai abrir um panorama sobre as políticas de incentivo financeiro para a produção audiovisual alagoana aqui em Maceió. O VT começa ilustrando a necessidade dessas políticas para o profissional e para o estado e em seguida explica como funciona e como são aplicadas as principais leis de incentivo à cultura em Alagoas. A partir daí, a ideia é destacar a esporadicidade da criação editais voltados para o audiovisual, que se tornam insuficientes para a demanda local e os problemas nas aplicabilidades dessas leis, trazendo a denúncia do setor audiovisual do estado com os editais da lei paulo gustavo. O VT também vai abrir espaço para uma resposta do município e do estado em relação às denúncias do setor.

Orientações e Imagens:

- 1) Vamos começar esse VT ilustrando a complexidade que envolve o processo de se fazer um filme e assim, comprovar a importância dos editais e leis de incentivo nesse processo. Para isso, vamos conversar com o produtor de cinema Pedro Krull, responsável pela produção de filmes alagoanos com grandes repercussão nacional e internacionalmente, como o curta “Infantaria” (2022), de Lays Santos e o longa “Sem Coração” (2023) de Nara Normande e Tião. Como produtor, ele fica à frente da submissão dos filmes para os editais. por isso ele é perfeito para dizer:
 - O estado de alagoas e o município de maceió tem editais ou leis de incentivo suficientes para o artista audiovisual local? Como funciona hoje o incentivo público ao audiovisual?
 - Por que os editais são essenciais no trabalho de vocês?
 - Por que os editais são essenciais também para o estado ou município?

Sugestão de imagens: imagens de bastidores de cinema; podemos ter com ele se ele tem algum vídeo caseiro. A ideia é ter imagens que captem a quantidade de profissionais envolvidos no processo fílmico.

- 2) Depois o VT vai explicar melhor como funciona esse funcionamento se debruçando sobre a Lei Paulo Gustavo e Aldir Blanc. Para isso, seria ideal trazer um infográfico ou tabela mostrando o quanto de recurso foi aplicado no estado e no município e como funciona a lei no geral.

3) Após a explicação, vamos ouvir os órgãos municipais e estaduais. Com uma entrevista, ou apenas trazendo a resposta. Buscando saber:

- Quais políticas de incentivo para a produção audiovisual existem no município/estado?
- Quais impactos positivos para o próprio município/estado existem em incentivar a produção audiovisual local através de editais?
- Como o município/estado mantém a comunicação com os artistas e o processo para sanar as demandas atuais?
- Existe algum calendário programado para os próximos anos?

Fontes:

- 1) Pedro Krul, produtor e realizador audiovisual
- 2) Assessorias da Secult, (Daniel Borges) e da Semce (Isadora Aguiar)

Equipe: Clara Macedo

Objetivo: Esse é o VT final da série, que vai fazer um panorama dos meios de distribuição do cinema alagoano em Maceió. Ele começa ilustrando o baixo consumo de filmes alagoanos pela população, pontuando como em Maceió só existe uma sala de cinema que exhibe esse tipo de filme. O VT traz também a dificuldade de acesso da população a essa e outras salas de cinema. Assim, o questionamento a ser respondido será como, além de trazer as pessoas até a sala de cinema, levar o cinema até as pessoas. Por isso, o VT irá apresentar quais as iniciativas cumprem esse papel. A série finaliza entendendo o papel das salas de cinema e do assistir cinema em conjunto tem para a sociedade alagoana e então deixar a mensagem de como ter um espaço, para além de assistir, debater o cinema é importante.

Orientações e Imagens:

- 1) Vamos abrir esse episódio com um povo fala para ilustrar qual público realmente tem acesso ao cinema em Maceió. Os entrevistados vão responder:

- Você já assistiu algum filme alagoano?
- Você tem costume de ir ao cinema? se sim, qual foi o último que você foi?

Sugestão de imagens: salas de cinema, público na fila de cinemas, na fila de pipocas; cartaz de filmes alagoanos; cinemas comerciais; imagens de apoio dos bairros; mostra contraste social; pessoas andando na rua; pessoas trabalhando; comprando...

- 2) Depois, vamos falar com o Marcos Sampaio, administrador do arte pajuçara. Ele vai nos explicar:

- Qual o papel do Cinearte de propagar o cinema alagoano? E como ele faz isso?
- Sobre o público, cinearte consegue assumir um público fiel? É o bastante para se manter?
- Qual o diferencial do espaço?

Sugestão de imagens: imagens do arte pajuçara; sala de cinema; teatro; galeria; imagens da bilheteria; bomboniere; fila de pessoas entrando no cinema; pessoas conversando e debatendo na porta; imagens da fachada; imagens dos entornos na Pajuçara.

- 3) Agora vamos mapear os cinemas de Maceió. A ideia é literalmente pontuar no mapa os lugares onde os cinemas ficam, e assim, já fazer uma distinção também dos bairros mais marginalizados e dos bairros mais ricos.

Sugestão de imagens: fachada de todos os cinemas; movimentação da entrada em contra-plongée; bilheteria; bomboniere...

- 4) Vamos falar novamente com cineasta e cientista social beatriz vilela,. dessa vez, vamos saber:

- O que essa diferença no acesso de certas camadas da população, ao cinema alagoano impacta no cumprimento do papel social do cinema?
- O que deve ser feito para diminuir essa diferença?
- O que é cinema de impacto?
- Qual a importância de assistir filmes juntos e debater?

- 5) vamos ilustrar uma das formas de levar cinema até a comunidade marginalizada, através do cineclube cinema na parte alta, também com a beatriz:

- De onde surgiu a ideia do projeto?
- qual o simbolismo de fazer um cineclube assim, na parte alta?
- promove discussões?

Sugestão de imagens: pedir a ela imagens das últimas edições

- 6) Depois vamos conversar com a Renah Berindelli, produtora e uma das fundadoras da mostra Sururu. Nas últimas edições da Mostra, também tivemos exemplos de acessibilidade, com a mostra on-line, vamos trazer essa novidade.

- Qual o papel da mostra para a disseminação do cinema alagoano e como ela cumpre esse papel?
- Qual o simbolismo em fazer a mostra online nesta edição?

Sugestão de imagens: a maioria das imagens já foram feitas. a movimentação de quem foi ver a mostra; as palestras; a reunião do fsal; bilheteria; entrada; premiação... agora

só precisamos pegar as imagens da mostra online. um computador mostrando o site; alguém vendo o filme em casa.

Fontes:

- 1) Povo fala
- 2) Marcos Sampaio, administrador do Arte Pajuçara
- 3) Beatriz Vilela, cineasta e cientista social
- 4) Renah Berindelli, produtora Mostra Sururu

Roteiros:**Roteiro: VT1 Identidade e Cinema****Repórter:** Clara Macedo**Imagens:** Clara Macedo**Tempo total aproximado do VT:** 8'24"

Off 1: O cinema tem um poder único de contar histórias/ e como qualquer arte/ consegue se conectar em diversos níveis com os telespectadores// É essa conexão que faz do cinema uma grande ferramenta de comunicação capaz de influenciar e transformar sociedades// [20"]

Imagens off 1: Sala de cinema; plateia**Sonora Bia 1** [29"]**GC:** Beatriz Vilela, Cineasta e Cientista Social

Off 2: Mas/ esse poder social/ capaz de mobilizar comunidades/ pode ser desperdiçado/ quando não chega a quem deveria chegar// [10"]

Imagens off 2: pessoas andando no centro em câmera lenta**Sonora Bia 2** [40"]

Passagem 1: Segundo o último dado da agência nacional do cinema/ a ancine/ de 2018/ o número de filmes lançados no Brasil/ dirigidos por mulheres não passava de 20%// Em 2024/ apesar de não existir uma pesquisa mais recente/ essa diferença ainda é percebida/ foi observando isso que um grupo de mulheres criou o primeiro coletivo audiovisual feminino em Alagoas/ o Punho Coletivo/// [50"]

GC: Clara Macedo, Mangabeiras**Dados/ Ancine**

Off 3: A vitória é uma delas/ e explica como ele surgiu// [4"]

Imagens off 3: Imagens de apoio da Vitória em diferentes ângulos**Sonora Vitória 1** [36"]**GC:** Vitória Alencar, Fotógrafa

Off 4: O grupo cresceu e rapidamente migrou para outros setores do audiovisual// Hoje/ elas se reúnem com outras mulheres e quem quiser participar das sessões/ para assistir e discutir filmes dirigidos por mulheres// [15"]

Imagens off 4: vídeo dos encontros do punho coletivo

Sonora Vitória 2 [26"]

Off 5: É através dessa diversidade que a região nordeste têm se destacando como um importante polo para o setor audiovisual/ e nos últimos anos/ vem/ desafiando a hegemonia do eixo Rio-São Paulo// Alagoas não tem ficado para trás/// [18"]

Imagens off 5: Trechos de filmes nordestinos e alagoanos

Sonora Bia 3 [1'32"]

Passagem 2: Uma dessas produções é o documentário Corpo D'água/ que foi filmado aqui/ no bairro da Levada/ em Maceió// O filme retrata a vivência dos moradores e o funcionamento do bairro/ em volta da lagoa mundaú// [20"]

GC: Clara Macedo, Levada

Off 6: A Isadora/ foi uma das diretoras do filme/ gravado em 2018 como produto final do Ateliê Sesc de Cinema// A urbanista/ cresceu na levada e conta como foi o processo de representar o bairro com fidelidade// [16"]

Imagens off 6: Imagens de apoio Isa, de vários ângulos

Sonora Isa [40"]

GC: Isadora Padilha, Urbanista E Diretora Do Filme

Off 7: Para que outros registros/ continuem representando as várias alagoas/ tem um longo trabalho pela frente// [10"]

Imagens off 7: trechos de filmes

Sonora Bia 4 [50"]

GC: Beatriz Vilela Cineasta E Cientista Social

Passagem 3: Como deu pra perceber/ o cinema é um setor crucial para o desenvolvimento cultural de qualquer sociedade e precisa de incentivo// Mas será que as políticas públicas que existem hoje são capazes de suprir a necessidade que os profissionais da área enfrentam?// [20”]

Off 8: No próximo episódio vamos saber diretamente com eles como essas políticas funcionam/ ou não// [8”]

Repórter: Clara Macedo

Imagens: Clara Macedo

Tempo total do VT: 6'15"

Off 1: Fazer um filme/ em primeiro lugar/ é uma arte coletiva/ que exige muito planejamento/ dedicação e principalmente/ mão de obra// É isso que faz do audiovisual um setor capaz de gerar muitos empregos// Mas o que é preciso para fazer tudo isso acontecer?// [18"]

Sonora Pedro 1 [28"]

GC: Pedro Krull, Produtor Audiovisual

Off 2: Quais são esses incentivos públicos/ e como eles chegam até os profissionais?// O mais comum são os editais/ que são convocações públicas com regras e critérios que selecionam projetos que para receber financiamento// Esse dinheiro pode vir da esfera federal/ estadual ou municipal// Em Alagoas/ quem gerencia esses recursos é a Secretaria Estadual de Cultura e Economia Criativa// [30"]

Sonora Wyllyson 1 [47"]

GC: Wyllyson Santos, Superintendente de Economia Criativa Da Secult

Off 3: As leis Aldir Blanc e Paulo Gustavo são leis federais/ criadas como apoio ao setor cultural depois da pandemia de Covid 19// Os recursos são federais mas a administração é dos estados/ que dividem os valores para eles e para cada município// em 2024/ Foram destinados a Maceió/ 8 milhões e 700 mil reais provenientes da Lei Paulo Gustavo// Até o meio do ano/ 73% desse valor/ já havia sido repassado/ a projetos/ selecionados a partir de editais// Eu entrei em contato com a assessoria de comunicação da Secretaria Municipal de Cultura/ a Semce/ para saber mais sobre esse e outros mecanismos de incentivo local/ Mas infelizmente ainda não tive retorno// De toda forma/ para Pedro/ as ações dessas esferas representam esperança para o crescimento gradativo do setor// [1']

Sonora Pedro 2 [46"]

Off 4: O superintendente de economia criativa da secult/ o Wyllyson Santos explica que a falta de um calendário de editais que sejam feitos só com recursos do próprio estado/ está ligado a dificuldade na distribuição do orçamento entre os vários setores culturais// [18”]

Sonora Wyllyson 2 [53”]

Off 5: O Pedro deixa um lembrete// [3”]

Sonora Pedro 3 [20”]

Passagem 1: Então dá pra entender que o cinema é mais do que a produção/ ele é um setor extenso e requer investimentos em diversas áreas/ e como o próprio Pedro disse/ uma delas é a formação/ afinal/ o audiovisual também é uma área de conhecimento// ? Mas o que acontece em um estado que não tem nenhum curso oficial na área/ reconhecido pelo MEC?// [30”]

GC: Clara Macedo, Centro

Off 6: No próximo episódio você vai ver como o setor do audiovisual avança em Alagoas/ mesmo com esse empecilho// E as iniciativas que surgiram como alternativa para essa falta// [12”]

Repórter: Clara Macedo

Imagens: Clara Macedo

Tempo total do VT: 7'04"

Off 1: O cinema é uma área de conhecimento que se envolve diversos campos de estudo/ ele se relaciona um pouco com a literatura/ a psicologia/ a tecnologia.../ por isso um curso de longa duração de cinema ajuda tanto no processo de desenvolvimento desse setor em qualquer lugar// O Ulisses vem de Viçosa/ no interior de Alagoas// realizador de cinema há oito anos/ se formar na área nunca foi uma dúvida para ele// [28"]

Imagens do Off 1: trechos de filmes; imagens de sala de aula; imagens de apoio do Ulisses

Sonora Ulisses 1 [17"]

GC: Ulisses Arthur, Cineasta

Off 2: Apesar dessa história ter começado aqui/ ele precisou buscar a tão sonhada formação/ em outro estado/ isso porque Alagoas ainda não tem um curso de graduação nem técnico oficial reconhecido pelo MEC/ na área// [14"]

Imagens do off 2: imagens de apoio do Ulisses e de alunos na sala de aula e de salas vazias

Sonora Sérgio 1 [40"]

GC: Sérgio Onofre, coord. Assuntos culturais UFAL

Off 3: Quem o Sérgio cita/ é/ o Ulisses/ que fez cinema na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia lá em 2017// e apesar de ter precisado ir embora para seguir o sonho/ atuar em casa sempre foi o objetivo// [15"]

Imagem do off 3: Imagens Sérgio e Ulisses

Sonora Ulisses 2 [42"]

Sonora Sérgio 2 [29"]

Off 4: A Universidade Federal de Alagoas tem hoje um projeto de um curso técnico de audiovisual/ para ser implantado na nova escola de artes e tecnologias criativas em Penedo/ no interior do estado// Mas esse sonho ainda não saiu do papel// [18”]

Imagem do off 4: letreiro Ufal, espaço onde funciona a escola de artes de Penedo

Sonora Sérgio 3 [25”]

GC: Sérgio Onofre, coord. Assuntos culturais UFAL

Passagem 1 : até Alagoas ter um curso oficial/ quem sonha em se aprofundar nas áreas do audiovisual/ tem que contar com alternativas como oficinas e workshops// Mas uma iniciativa que se destaca é o Ateliê Sesc de Cinema que promove há 15 anos aulas teóricas e prática/ para o público alagoano//[20”]

GC: Clara Macedo, Centro

Sonora Ronald 1 [33”]

GC: Ronald Silva, analista audiovisual do Sesc

Off 5: Um outro diferencial do curso/ é a oportunidade dos alunos aprenderem com profissionais da terra// [8”]

Imagens off 5: Alunos e professora

Sonora Ronald 2 [20”]

Off 6: A Renah trabalha como produtora audiovisual há 12 ano// Ela nunca teve a oportunidade de fazer um curso contínuo e teve que construir sua carreira na marra// Hoje/ como instrutora nessa edição do ateliê/ ela usa da sua experiência para preparar uma nova geração// [20”]

Imagens do off 6: Imagens de apoio da Renah danando aula

Sonora Renah 1 [24”]

GC: Renah Birindelli, Produtora audiovisual

Off 8: Para a Duda/ aluna desta edição/ o ateliê serve como estímulo para novos projetos// [7”]

Imagens do off 8: imagens de poio da Duda**Sonora Duda [17”]****GC: Duda Moreira, estudante****Sonora Renah 2 [29”]**

Passagem 2: Para a Duda e tantos profissionais que estão chegando na cena do audiovisual/ como será distribuir esse filme para uma sala de cinema/ em um estado que tão poucos têm acesso? é exatamente o que vamos saber no próximo episódio// **[18”]**

GC: Clara Macedo, Pajuçara

Roteiro VT4 Distribuição e Impacto**Repórter:** Clara Macedo**Imagens:** Clara Macedo**Tempo total do VT: 7'53"**

Off 1: A distribuição de um filme desempenha um papel fundamental para levar a obra até o público/ e gerar impactos reais// ao longo dessa série de reportagens/ falamos sobre como os filmes são importantes para uma comunidade/ mas do que adianta ter um filme relevante/ se não chega para quem precisa chegar?// Em Maceió/ na capital alagoana/ poucas pessoas tem o costume de ir no cinema e menos ainda tem acesso aos filmes alagoanos// Eu perguntei à algumas// [32"]

Povo fala

- Qual foi o último cinema que você foi?

- Você já viu algum filme alagoano? [30"]

Off 2: A cientista social e cineasta/ Beatriz Vilela/ atribui essa distância à baixa opção de espaços de exibição// [9"]

Sonora Bia 1 [38"]**GC: Beatriz Vilela, Cineasta E Cientista Social**

Off 3: E existe uma diferença muito clara nos tipos de filme exibidos nesses cinemas de rede em relação aos cinemas de arte [10"]

Sonora Bia 2 [27"]

Off 4: O Complexo Cultural Arte Pajuçara tem o único cinema de arte na capital alagoana// Nele são exibidos filmes que estão fora do circuito comercial// E a exibição de filmes alagoanos é uma prioridade// [15"]

Sonora Marcos [32"]**GC: Marcos Sampaio, Adm. Arte Pajuçara**

Off 5: O complexo também tem sido lar para a Mostra Sururu de Cinema Alagoano/ que acontece todos os anos no começo de dezembro// O evento é marca registrada e passagem quase que obrigatória para as produções alagoanas// [15”]

Sonora Renah 1 [35”]

GC: Renah Birindelli, Realizadora Mostra Sururu

Passagem: Outro problema que afasta o acesso da população aos cinemas/ é que se antes existia uma sala diferente em cada bairro de Maceió/ hoje os pouco que tem estão concentrados em áreas nobres/ longe dos bairros mais periféricos/ e populosos// o Arte Pajuçara/ por exemplo/ fica na orla da Pajuçara/ considerado o bairro com o metro quadrado mais caro de todo o nordeste [22”]

Off 6: [Entra mapa] Já a maioria dos cinemas de rede ficam em shoppings/ localizados também em bairros ricos// O único cinema que está em um bairro popular é o do Shopping Pátio Maceió/ no Benedito Bentes//Com essa distribuição/ iniciativas que busquem alcançar o público onde ele está/ parecem ser a alternativa [sai mapa]// A Bia mesmo é uma das idealizadoras do cineclube cinema na parte alta// A iniciativa foi criada como parte de um projeto de extensão da Universidade Federal de Alagoas/ e promove exibições de curtas alagoanos em escolas e comunidades da parte alta/// [35”]

Sonora Bia 3 [32”]

GC: Beatriz Vilela Cineasta E Cientista Social

Off 7: A intenção/ é usar os filmes como ferramenta de debates e reflexões// [5”]

Sonora Bia 4 [14”]

Off 8: Outra iniciativa que vêm tendo resultado é a da própria Mostra Sururu// Que disponibiliza os filmes exibidos/ em uma mostra online// Isso acontece desde 2020// [13”]

Sonora Renah 2 [43”]

GC: Renah Birindelli, Realizadora Mostra Sururu

Off 9: Para o acesso e a inclusão serem cada vez mais frequentes/ algumas coisas podem ser feitas// [7”]

Sonora Bia 5 [46”]

Off 10: Acesso/ essa parece ser a palavra mais usada nessa série de reportagens e sumariza o papel do cinema dentro da sociedade// O poder de se colocar no lugar de um personagem por alguns minutos/ pode fazer qualquer um acessar diferentes perspectivas para problemas e soluções do mundo real// por isso, ampliar esse acesso para quem, produz distribui e assiste não é só importante/ mas é crucial//